arte (n.t.)

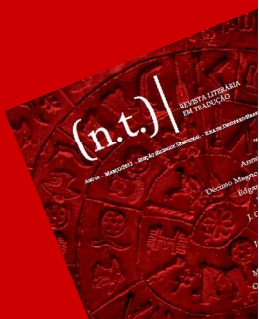
curadoria **ALINE DAKA**

artistas da edição

MARIANNA GARTNER [convite]

FRANCESCA WOODMAN [homenagem]

4°



Suplemento de Arte (n.t.) Revista Literária em Tradução | 4°
ISSN 2177-5141

(n.t.) | 4º

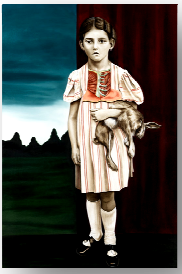
SUPLEMENTO DE ARTE
JUNHO/2012

CURADORIA, SELEÇÃO E APRESENTAÇÃO	Aline Daka
EDIÇÃO, REVISÃO E CATALOGAÇÃO	Gleiton Lentz
EQUIPE EDITORIAL	Roger Sulis Fedra R. Hinojosa
ARTISTAS DA EDIÇÃO	Marianna Gartner (Canadá) Francesca Woodman (EUA)

O SUPLEMENTO DE ARTE INTEGRA A (n.t.) REVISTA LITERÁRIA EM TRADUÇÃO nº 4,
LICENCIADA NA CREATIVE COMMONS LICENÇA INTERNACIONAL 3.0
ATRIBUIÇÃO USO NÃO-COMERCIAL DE OBRAS DERIVADAS.

www.notadotradutor.com/galeria
ISSN 2177-5141

CONVITE



[Marianna Gartner]

Página | 4

HOMENAGEM

[Francesca Woodman]

Página | 26

(n.t.

Convite

Entre o conhecido e o estrangeiro: o maravilhoso estranhamento das pinturas de Marianna Gartner

Aline Daka

"Senhoras e senhores, abandonem agora toda a ideia de ilusão, aproximem-se! Embora o vosso distanciamento seja a chave de entrada para o maravilhoso que se mostrará muito em breve, o que pode parecer da ordem das confusões, em primeiro momento, será a nossa futura cumplicidade. E logo, não será mais necessário pedir para que permaneçam conosco..." Assim parecem dizer as pinturas de Marianna Gartner. Em sua obra, nossa presença parece ser solicitada tanto quanto as mágicas e assustadoras figuras que a habitam. Diante dela nos aproximamos do inesperado: como observadores tornamo-nos também observados, como se a pintura soubesse onde exatamente estamos apesar do distanciamento que nos instaura. (E será que não pode mesmo saber?). Junto a ela, num universo onde os significados mostram seus truques, encontramos, com desconforto, mas também com encantamento, algumas revelações: a vida parou de nos contar suas histórias e estancou no tempo algumas de suas imagens cruciais somente para o exercício da delicadeza das ambiguidades de nosso tempo. As perguntas reinam, flutuam entre o sentido e o não-sentido, e com tensão nos sensibilizam na espera dos próximos acontecimentos. As cenas de Gartner instauram um elo de abertura no tempo, entre o passado, o presente e os desejos de futuro, descortinando, como numa espécie de palco, uma poderosa combinação entre o conhecido e o oculto. Para onde vamos a partir desse instante, todos gostaríamos de saber. Façamos nossas apostas. A pintura contemporânea joga as suas cartas com a vida.

Familiar, mas nem tanto...

Na pintura de Gartner o enredo percebido não se entrega; é, por sua vez, estático e misterioso. Os acordos são poucos (e onde foram parar os códigos em comum?). Na tentativa de interpretar sua pintura, pode ser que encontremos nossas próprias leituras, pois ela nos oferece essa liberdade. Mas uma parte de seus

segredos foi possivelmente perdido em algum canto empoeirado, e quem sabe talvez num mercado de pulgas, ou em algum museu, ou numa feira de variedades... em algum lugar onde se guardam as coisas simbólicas esquecidas ou ultrapassadas do mundo inteiro. São nesses lugares que Gartner encontra suas imagens, as fotografias antigas que são usadas como referências para a criação de suas pinturas. Ela as escolhe pela perturbação contida nos seus olhares...

Marianna Gartner, ao lado de "Europa", óleo sobre tela de 2011.

A maioria de suas telas apresenta figuras que tem como característica o olhar de uma época onde a fotografia era solene. Famílias inteiras, figuras públicas, oficiais, pacientes hospitalares, e todo o tipo de gente, até mesmo aqueles considerados aberrações humanas gostariam de ser fotografados para guardar suas imagens para o futuro. Esse registro era extraordinário e era preciso "enganar" o devir do mundo real com os artifícios do desejo de projeção... para serem fotografadas, as pessoas vestiam trajes especiais, ficavam geralmente sentadas ou dispostas respeitavelmente numa espécie de palco construído, decorado geralmente com cortinas pesadas como em pinturas clássicas, ou ainda com algum enorme cenário simulando alguma paisagem ao fundo. Nessa atmosfera, as pessoas eram submetidas a largas exposições frente à câmera, o que lhes conferia um olhar indecifrável, como que perdido no tempo, e nele uma estranha consciência de estarem sendo observadas e transportadas a algum além. Para Gartner, tais aspectos levam à pintura:

"Acho que o motivo principal de eu encontrar inspiração em fotografias antigas é que às vezes os rostos das pessoas são tão assombrosos nessas velhas imagens em preto e branco que me sinto obrigada a recriá-los em um formato maior e também a combiná-los com outras imagens para fazer uma nova interpretação deles.

A influência de pinturas antigas também é algo que eu acho importante, tanto como referência histórica nos meus trabalhos quanto como uma consciência coletiva que permite a algumas pessoas reconhecer e interpretar certos elementos encontrados em minha arte."

É na pintura que Gartner realiza seus encontros. As combinações surpreendem na tela, apresentam um novo universo de justaposições e contrastes que potencializam a sugestão das imagens encontradas, daquelas figuras anteriormente perdidas no tempo e que agora assumem

uma vida fantástica. Gartner reserva para elas uma nova perspectiva ao fundir os universos para estranhá-los. A maneira como ela as transfere para o espaço pictórico acentua, em parte, a presença anterior da suposta fotografia, de modo que nos remete a ela, mas com uma intensidade expressiva independente, humanamente poderosa e original, que parece dizer: não precisamos da foto! A pintora elabora uma nítida colagem de elementos de origens diversas e deixa explícita a artificialidade desse recurso como uma provocação. Aqui não precisamos também dos simulacros de uma pintura que nos logre. Vejamos que um cenário perturbador é construído sem a promessa de credulidade, onde todas as coisas estão e não estão em seus lugares ao mesmo tempo, como numa colagem que se torna especial pela sua artificialidade.

"Santa Lucia" sorri frente aos seus próprios olhos numa bandeja. Esses mesmos olhos estão cobertos de terror pela imagem de sua angelical – ao mesmo tempo duvidosa – inocência. "Em algum lugar da Europa", duas figuras, duas crianças ou adultos, fixam-nos enigmáticos e parecem saber que estão sendo vigiados. No meio deles uma bola absurda, gigante e colorida repousa sobre um tecido estampado. Ao redor, as pesadas cortinas delimitam algo como um palco teatral, porém palco de nenhuma ação. Pelo encantamento dessas imagens não poderíamos, jamais, tentar o explicativo, de modo que chances nos restam? Há algo de estranho nessa tela, mas certamente a ação é toda nossa, o tempo é estagnado ao ritmo dos olhares, como se esperassem qualquer coisa vinda de nós. Em Marianna Gartner esse tempo congelado guarda uma dualidade que é característica predominante de suas pinturas. Os sentimentos contraditórios que despertam em nós dinamizam a imagem como se estivéssemos numa corda bamba, no meio de uma representação paralisada entre a vida e a morte... suas composições não apresentam imagens naturais, em muitos momentos são as intensidades de alguma questão que parecem expressar. Como a ironia, por exemplo... "Tio Charlie... " é o nome de uma tela que possui alguma ação, e através dela podemos sugerir que o baterista retratado é a designação "Tio Charlie". E ele aponta sorridente para a figura humana em músculos equilibrada numa corda bamba. Se Tio Charlie está numa apresentação musical, o refrão é o foco de luz sobre o ousado equilibrista... e que, ironicamente, atua como num pesadelo: Tio Charlie poderia estar apontando para a figura como para ele mesmo. Tio Charlie seria também, ele mesmo, a figura, o ser ousado da corda bamba...

Partindo dessas imagens, a obra apresentada por Gartner até aqui é uma grande surpresa. Seria difícil encontrar um Cristo tatuado (e ainda com a imagem do diabo) em toda a extensa História da Arte e da Cultura. Um Cristo marcado deliberadamente que dialoga com os rituais pagãos de pintura corporal? Definitivamente! Ou então uma figura que

se assemelha a um monge oriental em comunhão com *Pietà* e que segura a cabeça pesada de Cristo? Familiar o Monge, o Cristo, a *Pietà*, mas nem tanto nessa cena coberta de ambiguidades. Aqui toda diversidade é estrangeira entre si, como que vinda de longe, de lugares diferentes, para compor um estranho mosaico que nega um sentido pré-determinado. Unificada pe-o "acidente" de um encontro não esperado. Não contamos também com uma pintura figurativa tão próxima e tão distante das pinturas narrativas pelos seus jogos *nonsense* que estimulam e ao mesmo tempo travam a origem das histórias... os elementos adicionados geram situações, mas quando instituídas, elas ainda permanecem num ponto anterior a uma conclusão. A pintora congela a narrativa num enigma antes que as histórias aconteçam.

Uma vez que a obra de Gartner são todas essas coisas *inter*-relacionadas, como optar por ficar com somente uma delas? A neutralidade da sua linguagem é o que permite seus jogos de absurdos que são estranhamente mágicos para os nossos desejos... tão importantes na nossa percepção dos lugares que estamos ocupando no mundo. Essas representações em silêncio, sem movimento, paralisam e alargam o tempo reservado às nossas compreensões. Gartner hipnotiza-nos com suas colocações, elas nos indaga. Uma devolução espelhada: nossa própria representação que olha para o futuro-passado dos desejos humanos. Um funcionamento interno, que nos traspõe mental e sensivelmente para o exterior, para uma estranha (e devolvida) indiferença. Uma combinação de absurdos, que é talvez o despertar de uma consciência que inverte nossos lugares, mas não pela fruição que poderia nos fazer sentir o que sentem, pois as figuras da pintora permanecerão para sempre isoladas.

Edição de "Intervention"
"Marianna Gartner: An Eye For An Eye"
(Ed. Agnes Husslein-Arco, 2011)

Sobre as contradições em sua obra, Gartner dialoga:

"Quanto à contradição entre vida e morte que se vê nos meus trabalhos, acho que é algo natural para mim e algo em que estou sempre pensando, conscientemente ou não. Para mim essa contradição é um aspecto cotidiano da vida, então suponho que seja algo aparente em todos os meus trabalhos. Para mim é normal, mas suponho que para algumas pessoas possa não o ser!"

A justaposição possui sua própria lógica, é uma maneira de encontrar supostos opostos, inicialmente isolados entre si, para gerar novos *im*-possíveis. Ou pelo menos *im*-pen-

sáveis sentidos que passam daí a procurar o que poderia ser comum em seu próprio funcionamento. A imaginação é alargada nesse sentido, expulsa as suas recusas pela sedução do distanciamento que é oferecido. Admitimos as qualidades corporais e espirituais (o bem e o mal, a inocência e a perversidade...) de cada elemento dessas pinturas como a sua própria verdade. Os atributos que geram suas contradições fazem parte de um jogo de irrealidades que superam a sua forma "natural" para invadir nossas confusas sensações de vida.

Sensações evocadas quase teatralmente acompanhadas com a presença da morte que é trazida pelo aspecto antigo da fotografia. Os desejos nessas pinturas são postos como ambivalentes, pois a contradição é-nos bem próxima, real, cotidiana, primitiva, concebível e inevitável. Mas nunca incoerente sob o ponto de vista dela mesma. Para o olhar sensível da pintora, todo esse universo pode soar familiar: no estranhamento também estão contidas as possibilidades do maravilhoso.

A pintora vive e trabalha entre o Canadá e a Europa e possui um grande número de publicações e exposições internacionais.

Reprodução das obras:
© Marianna Gartner, cedidas sob licença da artista.

Acervo virtual consultado:
© www.mariannagartner.com

Agradecimento especial:
Marianna Gartner

Mostra Virtual

por Marianna Gartner

Estranhamentos: a fronteira entre o conhecido e o desconhecido

"Quanto à contradição entre vida e morte que se vê nos meus trabalhos, acho que é algo natural... Para mim essa contradição é um aspecto cotidiano da vida... mas suponho que para algumas pessoas possa não o ser!"

MARIANNA GARTNER

Crisma de meninas com boneca de Diabo, [s.d.]
Óleo sobre tela
MARIANNAGARTNER.COM

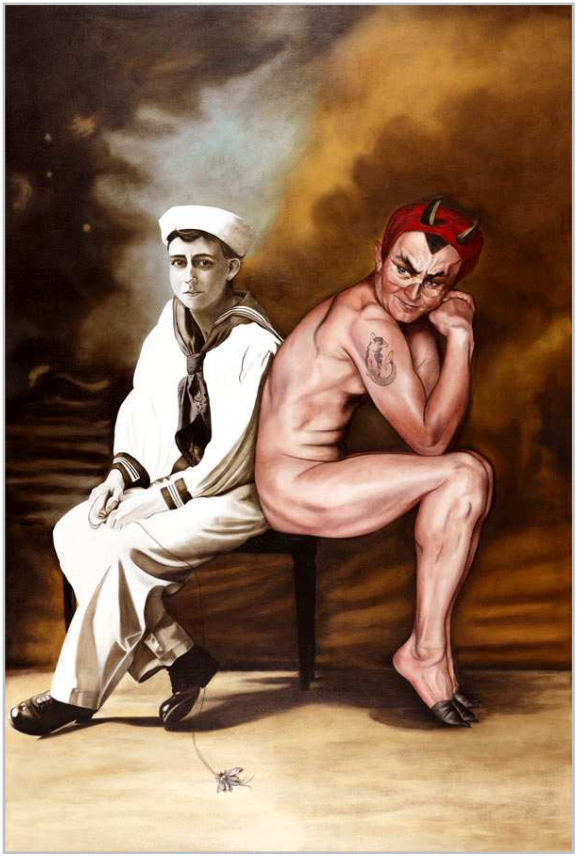
Santa Lucia, [s.d.]
Óleo sobre tela
MARIANNAGARTNER.COM

Brincando com tesouras, 2004
Óleo sobre tela
MARIANNAGARTNER.COM

Em algum lugar na Europa, 2005
Óleo sobre tela
MARIANNAGARTNER.COM

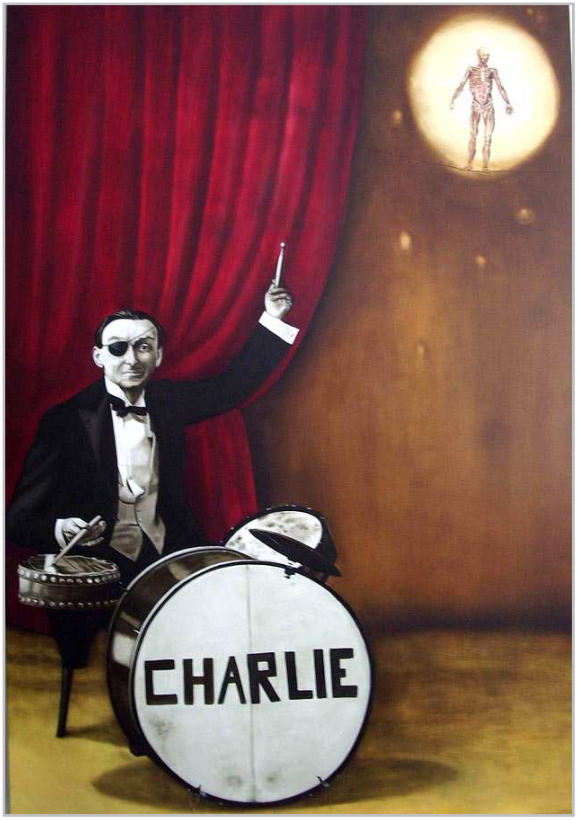
Jesus Piedade tatuado, 2005
Óleo sobre tela
MARIANNAGARTNER.COM

O Menino com Urso, 2007
Óleo sobre tela
MARIANNAGARTNER.COM



O Marinheiro sentado e o Diabo, 2008
Óleo sobre tela
MARIANNAGARTNER.COM

Friedrich Mau, 2008
Óleo sobre tela
MARIANNAGARTNER.COM



Tio Charlie tocando merda, 2008
Óleo sobre tela
MARIANNAGARTNER.COM

Menina no Sofá, 2009
Óleo em madeira
MARIANNAGARTNER.COM

Nil Desperandum, 2009
Óleo sobre tela
MARIANNAGARTNER.COM

Coma No. 3, 2010
Óleo em madeira, 2 painéis
MARIANNAGARTNER.COM

O Marinheiro e o Cisne, 2010
Óleo sobre tela
MARIANNAGARTNER.COM

Sujeito tímido, 2010
Óleo sobre tela
MARIANNAGARTNER.COM

Uso minhas peles ao revés, 2011
Óleo sobre tela
MARIANNAGARTNER.COM

(n.t.

Homenagem

Enigmas, anjos e fantasmas nas fotografias de Francesca Woodman

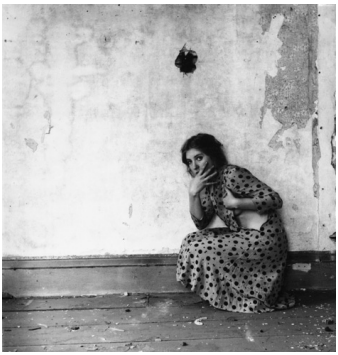
Aline Daka

Por qualquer das aberturas do mundo de Francesca Woodman podemos vê-la. Compreender essa presença é uma chave para acessá-lo. Esse mundo sensível, particular, foi registrado em uma larga série de ensaios fotográficos, sob o véu de uma poética intimista entregue e prolongada aos seus espaços de solidão. Diante de nós uma obra expõe-se como uma aura de confissões para, em seguida, instaurar-se ainda mais próxima, já que as imagens de Woodman originam-se e desvanecem-se atrás de uma essência que também nos compromete. Todas as existências retratadas pela fotógrafa são instáveis. Reflexivas, sinuosas, perguntam-se sobre si mesmas, há mais de três décadas... Pode ser que nos sintamos sombrios ao vê-las, ao sentir-nos seduzidos diante daquilo que não conseguimos definir. Trata-se de uma experiência em busca de sentidos, num abismo da criação habitado, explorado por meio de uma linguagem tão sugestiva como a da fotografia em preto e branco. A obra legada por Woodman é assombrada por suas respostas como uma espécie de sombra, de negativo, mas que jamais são entregues a nós. Talvez para poderem viver (para sempre) em seus silêncios... É no reconhecimento dessas imagens-silêncio que talvez, por um momento, possamos calar uma possível ansiedade a nossas eternas perguntas...

Visível-Invisível

A luz é a matéria elementar da fotografia, elemento de "desenho", de "gravação", que junto à sua ausência, ou sua menor amplitude, delimita um diálogo entre o visível e o invisível, como um "espectro" gerador de sentido. As intensidades de Woodman são conseguidas sem o uso de manipulações químicas, de colagens ou de recursos digitais, salvo a manipulação do disparador, as longas exposições e o enquadramento de uma cena elaborada. Como se a simplicidade de uma composição pudesse dar conta da vida das formas e desenhar o espaço necessário para o desenrolar dos desejos – que são imensos. Mas esse espaço inventado parece nunca ser o suficiente: indaga a alma de sua geo-

metria, e por vezes sentencia os *re*-cortes, dando vida aos fragmentos. Seu acordo com o tempo é como o reconhecer de um limite, pode-se transitar pelas paredes, pode-se tentar desaparecer, mas o limite, o limite do tempo que a marca como um rastro! E diante dele, o movimento é um diálogo a ser apreendido...



"Poás" (1976). Francesca Woodman, foto tirada em Providence, Rhode Island.

Uma constante é o trânsito de objetos e corpos fugidios que aparecem e desaparecem para as novas delineações de um querer revelar, ou quase. As marcas, comprovações um tanto inseguras de todas as identidades e coisas ausentes mas pressentidas. Uma composição que nos coloca num jogo de espelhos onde os objetos também estão incluídos como equivalente. Nesses lugares os objetos também possuem alma, e como o corpo, permanecem ficção diante da imagem de sua reprodução, diante de suas perdas.

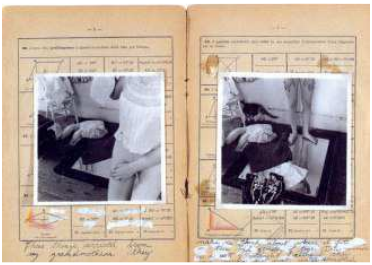
Se o corpo é um sinal de existência, assim como a fotografia pode vir a atestar o seu sinal, é através do próprio corpo e das coisas que se deve encontrar a forma como ela, a fotografia, se dá. Assim é uma chance, uma pista de algo. Por outro lado, seria a fotografia também uma morte? Animais empalhados foram esquecidos entre os vidros, e onde neles está Francesca? Ela é expelida para fora do grupo, cai como uma vida que não pertence a eles, mas também como alguém esquecido ali, entregue àquela natureza, em comunhão com seus silêncios. Suas fragilidades, a espinha do peixe que desenha a vida de suas costelas... e um puxar de cabelos, um reflexo, um espelho quebrado. Um corpo nu que se pendura numa porta enquanto indiferente outra mulher permanece sentada como um luto. Existidas e inexistidas, mas ainda com formato e definição.

Nas imagens que fazem parte da série intitulada *Anjos*, toda leveza deve ser sagrada para poder levar à existência os anjos. Nelas, Woodman é sua própria modelo, o olhar de sua foto recai sobre ela mesma, atenta, absurda. É ela quem prepara uma cena para, em seguida, converter-se ora em figura difusa ora em pedaço de ambiente, que salta, e novamente se transforma em corpo reconhecivel. Conhecedora dessas transfigurações, ela se expande. Utiliza o próprio corpo no exercício de uma poética de deslocamentos e transições, numa espécie origem, onde a incompletude busca um autorretrato, uma investigação solitária e obsessiva. Nos domínios da arte, eis onde reside o seu próprio domínio.

Há qualquer coisa de performático nela mesma, o que vai de encontro às suas perguntas, ao espírito de suas imagens; de encontro às sensações que duas asas podem desenhar, ou os rasgos, ou a superação de um peso insustentável.

O ato de criação permite e estabelece seus rumos sensivelmente, irrompe as fronteiras de um enquadramento, e por vezes escapa... moldura e corpo em quebra e em queda... entendemos o que dizem os vestidos no enquadramento do vazio? O exterior-interior de uma transparência, de um pedaço de vidro, de um olhar? Woodman se ofereceu à vida como que para retirar dela as suas imagens, e através delas encontrar a si. Podemos adivinhar que ela compreendeu esse jogo pessoal quando enrolou em seus braços a casca de uma árvore, ou quando entregou seu dorso à simetria de naturezas mortas... ou até mesmo, quando dispôs seu corpo nu às correntezas, como se quisesse testar a força de sólidas raízes...

Woodman se propôs uma compreensão, foi guiada pela não-presença de seus possíveis elementos, encontrou sua vida e morte em algo nitidamente sagrado para ela, inserida silenciosa no universo da arte. Deixou-nos as marcas dessas existências invisíveis em suas fotografias, e nelas a sua própria localização. Tudo o que vemos nas fotos é repleto desses sinais. Em suas imagens as aparições são plenas, um recurso poético que nela atravessa uma porta para um além. Uma porta, que se torna fantasmagórica, como um corte em qualquer razão.



"Algumas desordenadas geometrias de interior" (detalhe), 1981. Livro de Artista.

Jovem demais, mas nem tanto por mergulhar em seu próprio mundo, da expansão até o limite, Francesca Woodman jogou-se da janela de um prédio em 1981, aos 22 anos de idade.

Reprodução das obras:
© The State of Francesca Woodman, sob cortesia.

Acervo virtual consultado:
© www.heenan.net/woodman

Mostra Fotográfica

Homenagem a Francesca Woodman

Das geometrias *de* interior, das fantasmagorias *do* interior

"Minha vida é como um sedimento muito velho em uma xícara de café, e eu prefiro morrer jovem deixando várias realizações... em vez de apagar desordenadamente todas essas coisas delicadas."

FRANCESCA WOODMAN

SOLOMON R. GUGGENHEIM MUSEUM

Lar #3, 1975-76
Providence, Rhode Island
THE ESTATE OF FRANCESCA WOODMAN

Lar #4, 1975-76
Providence, Rhode Island
THE ESTATE OF FRANCESCA WOODMAN

Sem título, 1976
Providence, Rhode Island
THE ESTATE OF FRANCESCA WOODMAN

"Então, a certa altura, eu não precisava traduzir as notas que iam diretamente para minhas mãos", 1976
Providence, Rhode Island
THE ESTATE OF FRANCESCA WOODMAN

"Eu não poderia jogar por instinto", 1977
Providence, Rhode Island
GALERIE CLARA MARIA SELS
DÜSSELDORF

Do espaço #2, 1977
(da série Espaço)
Providence, Rhode Island
THE ESTATE OF FRANCESCA WOODMAN

Sem título, 1978
Providence, Rhode Island
THE ESTATE OF FRANCESCA WOODMAN

Sem título, 1975-78
Providence, Rhode Island
THE ESTATE OF FRANCESCA WOODMAN

Sem título, 1977-78
(da série Anjos)
Roma, Itália
THE ESTATE OF FRANCESCA WOODMAN

Sem título, 1977
(da série Anjos)
Roma, Itália
THE ESTATE OF FRANCESCA WOODMAN

Sem título, 1977-78
(da série Anjos)
Roma, Itália
THE ESTATE OF FRANCESCA WOODMAN

Sem título, 1977-78
Roma, Itália
GALERIE CLARA MARIA SELS
DÜSSELDORF

Cedo, 1972-75
Boulder, Colorado
SAMSØN, BOSTON

Círculo costeiro, 1976
GALERIE CLARA MARIA SELS
DÜSSELDORF

Sem título, 1979
Nova York, NY
THE ESTATE OF FRANCESCA WOODMAN

Sem título, 1980
MacDowell Colony, Peterborough, New Hampshire
THE ESTATE OF FRANCESCA WOODMAN

Autoengano #3, 1977-78
(da série Autoengano)
GALERIE CLARA MARIA SELS
DÜSSELDORF

Autoengano #2, 1977
(da série Autoengano)
ESTATE OF FRANCESCA WOODMAN

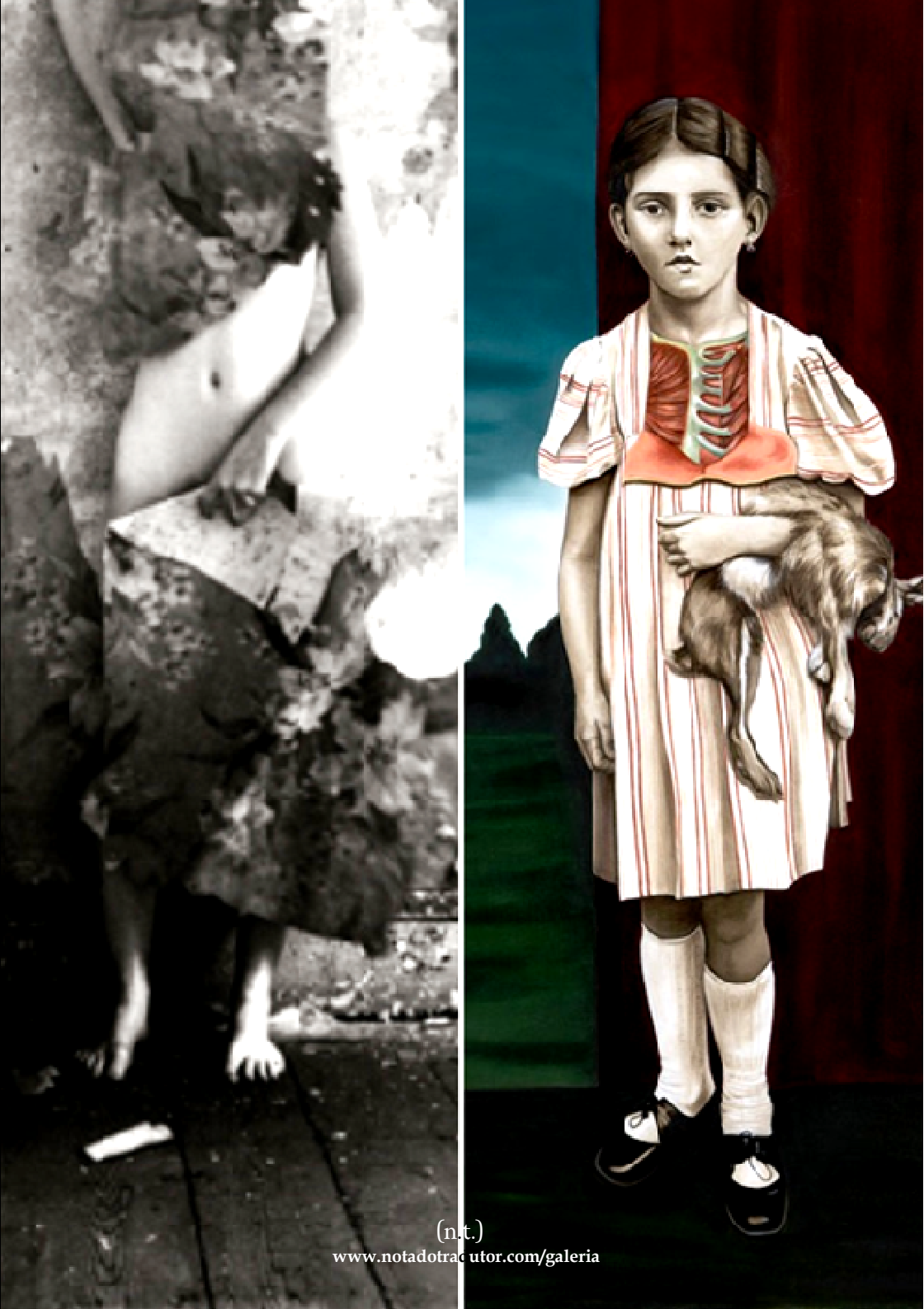
Sem título, 1977-78
(da série Enguias)
SAMSØN, BOSTON

Autorretrato, 1980-81
Nova York, NY
ESTATE OF FRANCESCA WOODMAN

(n.t.) | Curadoria

Aline Daka dedica-se ao desenho, à ilustração de livros e escreve. Bacharelado em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da UFRGS (2012) com passagem pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa (2009-10). Possui experiência profissional com produção cultural e montagem de exposições. Mostras coletivas no Brasil, Portugal e Espanha, entre elas: "Hystéra", Porto Alegre, Brasil (2009); "Um projeto urgente de loucura", residência artística, Lisboa, Portugal (2010); "Ilustração: arte de narrar", Porto Alegre, Brasil (2011). Participou das duas últimas edições do Salão Internacional de Desenho para Imprensa, junto com a (n.t) Revista Literária em Tradução, Porto Alegre, Brasil (2011 e 2012). Foi artista convidada da Revista Agulha de Cultura # 70, Brasil (2008). "O Pátio das Idades" é o título de sua exposição individual ocorrida em Porto Alegre no ano de 2009. Atualmente trabalha em parceria com a Editora Nephelibata e prepara projetos em desenho, entre os quais a edição de um livro de artista autoral.

Galeria de obras: www.flickr.com/photos/alinedaka/



(n.t.)
www.notadotraductor.com/galeria